

## Editorial

ESTADO  
PRESENTE

Na última sexta-feira, uma carreta sem freios desceu a BR-356, na altura do BH Shopping, no bairro Belvedere, na região Centro-Sul da capital, destruindo 23 automóveis. Por milagre, ninguém morreu; dez pessoas ficaram feridas, mas nenhuma gravemente.

O motorista ia para Brasília, mas errou a entrada do Anel Rodoviário. A região já registrou inúmeros acidentes parecidos, muitos com mortes. O local tem vários avisos, advertindo os motoristas da proibição de descer a BR-356. Mas, como em outras vezes, em vão.

Acidentes acontecem sempre assim, bastando um vacilo no mecanismo de prevenção, seja do condutor de um veículo, seja da fiscalização das autoridades. No caso, falharam as duas, e as vidas de dezenas de pessoas foram expostas a um risco desnecessário.

As autoridades afirmam categoricamente que a principal causa dos acidentes é humana e que os motoristas precisam mudar de atitude com relação ao trânsito. A irresponsabilidade é generalizada, mas o Estado tem também sua parte na permanência da situação.

O problema do trânsito no Brasil pode ser considerado uma epidemia. Mata cerca de 42 mil pessoas por ano. O poder público não lhe dá a atenção que deveria merecer. Limita-se à realização de campanhas de advertência em ocasiões como a de agora.

Pelo volume de impostos que arrecada da indústria, o Estado tinha de exercer com maior efetividade o controle do trânsito, tendo em vista reduzir o número de acidentes. Mesmo porque feridos e mortos impactam o serviço de saúde pública e a própria sociedade.

Nos últimos quatro anos, em dezembro e janeiro, quase 200 pessoas, em média, perderam a vida nas rodovias federais que cortam Minas. A época é das chuvas e das férias. Mas, quando chove acima da média, os acidentes aumentam 30%, e as mortes, 18%.

A hora é de colocar todo o efetivo da fiscalização nas ruas e nas estradas. O Estado não pode falhar.

## SEMPRE EDITORA LTDA

**FUNDADOR** Vittorio Medioli  
**PRESIDENTE** Laura Medioli  
**VICE-PRESIDENTE** Marina Medioli  
**DIRETOR EXECUTIVO** Heron Guimarães

**GERENTE COMERCIAL**  
Alessandra Soares

**GERENTE DE TECNOLOGIA**  
Fábio A. Santos

**GERENTE INDUSTRIAL**  
Guilherme Reis

**GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO**  
Walmir Prado

**GERENTE DE MARKETING**  
Monique Araki

**GERENTE DE CIRCULAÇÃO**  
Isabel Santos

**EDITORA EXECUTIVA**  
Lúcia Castro

**SECRETÁRIA DE REDAÇÃO**  
Michele Borges da Costa

**ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO**  
Murilo Rocha

**CHEFE DE REPORTAGEM**  
Renata Nunes

**EDITORES**

Opinião: Victor de Almeida  
Economia: Karlon Aredes  
Magazine: Milton Luiz (interino)  
Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla  
Política: Ricardo Corrêa  
Esportes: Denner Taylor  
Cidades: Marina Schettini  
Primeira: Frederico Duboc  
Fotografia: Rejane Araújo

## O.PINIÃO

Duke



DUKE

www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

## Aleppo é a expressão cruenta e sangrenta da brutalidade humana

Há duas versões para a guerra civil na Síria

**P**ara entender Aleppo e a guerra civil na Síria, que, segundo a ONU, ceifou a vida de mais de 400 mil pessoas e obrigou mais de 4,5 milhões a fugir, localizemos a “República Árabe da Síria, no Oriente Médio, no Sudoeste da Ásia, com fronteiras com o Líbano e o mar Mediterrâneo a oeste, a Jordânia no sul, Israel a sudoeste, Iraque no leste e Turquia ao norte. Em 2013, a Síria contava com 22,85 milhões de habitantes. “Damasco é a cidade mais importante e capital do país. Aleppo é a segunda mais significativa. Os sírios não cultavam a religião islâmica e o governo é laico. A maioria do povo é muçulmana, particularmente sunitas, embora não seja difícil encontrar grupos de cristãos ortodoxos” (Ana Lúcia Santana).

A Síria moderna remonta ao pós-Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Os conflitos territoriais, sempre bélicos, datam de séculos, embora a Síria seja um “país-chave do equilíbrio geopolítico do Oriente Médio”. “O Partido Baath comanda esse país desde 1963, cuja liderança é o presidente Bashar al-Assad, 51 anos, filho do antigo líder Hafez al-Assad (1930-2000), que ocupou o poder de 1970 até 2000, quando morreu” (Ana Lúcia Santana).

A guerra civil atual na Síria data de janeiro de 2011 e é parte da Primavera Árabe. Desde então, o povo tem sido massacrado impiedosamente. O que mais tocou muita gente, eu inclusive, foi o vídeo recente de um grupo de 47 crianças órfãs pedindo para sair da Síria. O governo diz que até o vídeo das crianças órfãs é obra mentirosa dos “terroristas”, como denomina a todos

que se opõem a seu governo. Isto é, há duas versões para a guerra civil na Síria!

Aleppo já foi “a maior cidade da Síria, com 2,3 milhões de habitantes, e o centro financeiro e industrial do país”; é um campo de batalha entre forças do governo e quem luta para depor Assad. Os EUA são contra a permanência de Assad no poder, e a Rússia o apoia. Hoje, “70% da população não tem acesso à água potável, uma em cada três pessoas não consegue suprir as necessidades alimentares básicas, mais de 2 milhões de crianças não vão à escola, e em em cada cinco indi-

**Em todas as guerras, as pessoas mais vulneráveis são as crianças e as mulheres. Desde tempos imemoriais, o estupro é uma arma de guerra.**

vídus vive na pobreza”. Pagam o maior tributo crianças, mulheres e idosos!

Em todas as guerras, as pessoas mais vulneráveis do ponto de vista da sexualidade são as crianças e as mulheres. Não é à toa que, desde tempos imemoriais, o estupro é uma arma de guerra comum, tanto que devastou a vida de mulheres e famílias em conflitos recentes em Ruanda, Camboja, Libéria, Peru, Somália, Uganda, na ex-Iugoslávia e agora na Síria. Isto é, todas as mulheres, em regiões de guerra, são sobreviventes de violência sexual, de fato ou psicologicamente – um trauma de proporções incomensuráveis.

Gabriele Garcia, em “O Estupro co-

mo Arma de Guerra”, lembra que há a lenda (?) de que “a história de Roma, por exemplo, foi marcada pelo episódio denominado ‘O Rapto das Sabinas’, em que Rômulo, o então governante do Império, determinou o rapto de mulheres sabinas para servirem de esposas aos homens que chegavam para ocupar aquelas terras. Por óbvio, seguido ao rapto veio o estupro, como um instrumento viável e determinante de poder e do povoamento da região”.

Lina Shaikhouni, em “Aleppo antes da guerra: ‘A cidade mais bonita e elegante do mundo’” (BBC, 16.12.2016), evidencia a destruição brutal da cidade, que desde a semana passada é controlada pelo governo. Há frágeis acordos de cessar-fogo, e a Cruz Vermelha realiza o resgate, em ônibus e ambulâncias, previsto para durar dias.

Jamais conhecerei a Aleppo que a brutalidade humana destruiu...

